

O
SALTO
PARA A
FÉ

ONTEM, ATEU DE DEUS,
HOJE, ATEU DE MIM

Brodsky, Jon. O Salto para a Fé.

Ed. Clube de autores. 2017.

Capa e Diagramação: Clube dos autores.

Impresso pelo Clube de autores – 2017.

Copyright "©" 2017. Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução parcial ou total, por qualquer meio. Lei Nº 9.610 de 19/02/1998 (Lei dos direitos autorais).

2017. Escrito e produzido no Brasil.

2ª Edição – Revisada e ampliada.

Brodsky, Jon. O Salto para a Fé.

Ed. Clube de autores. 2020.

Capa e Diagramação: Clube dos autores.

Impresso pelo Clube de autores – 2020.

Copyright "©" 2020. Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução parcial ou total, por qualquer meio. Lei Nº 9.610 de 19/02/1998 (Lei dos direitos autorais).

2020. Escrito e produzido no Brasil

Agradeço a Deus e a família, minha esposa Layany e meu filho Enzo. Também sou grato a minha irmã de sangue e em Cristo Marina e meu cunhado Gabriel, que sempre oraram por mim.

Eu era uma máscara que, em meu disfarce, até inconscientemente me dissimulava, porquanto não passava de uma reivindicação de um eu infeliz.

Jon Brodsky.

Sumário

Nota do autor à segunda edição	6
Prefácio	8
Prefácio do livro: <i>A Inteligência Crucificada</i>	10
A vida intelectual	14
Por que não consegui <i>enterrar</i> Deus da minha vida?	15
Reflexões espirituais e filosóficas em <i>tons poéticos</i> ...	26
A filosofia	102
O <i>fracasso</i> de uma sociedade sem Deus	109
Se Deus não existe, <i>tudo</i> é permitido	114
Mas, afinal, o que é a <i>moral</i> ?	118
De onde vem a nossa <i>Liberdade e Igualdade</i> ?	120
O homem não precisa de Deus como <i>referência moral</i> ?..	125
O <i>verbo</i> era Deus e o <i>verbo</i> se fez carne	130
O livre-arbítrio	116
Referências bibliográficas	124

Nota do autor à segunda edição.

Este livro, agora na segunda edição, foi escrito no ano de 2016, cerca de um ano depois de minha conversão ao cristianismo. É um livro que retratou minha condição intelectual, emocional, moral e espiritual de ex-ateu naquela época. A proposta deste livro não foi “ensinar” o cristianismo, mas expor, de forma honesta e visceral, os “efeitos colaterais” da atuação do Espírito Santo em minha vida naquele período. A finalidade era “demonstrar” o processo de “abstinência” de uma vida, antes, obscurecida por um ceticismo convicto e completamente dominada pelos padrões humanistas éticos, sociais e morais.

Portanto, este livro é a expressão de uma mente *recém-convertida*; logo, o leitor ou a leitora irá perceber uma escrita um pouco rebuscada, com semânticas filosóficas e expressões hiperbólicas (que sempre digo que são as minhas “cicatrizes” mentais, deixadas pelo ateísmo filosófico), mas nada que comprometa a compreensão contextual.

Acredito que este livro está mais destinado para um público secular, pois ele trata de questões filosóficas, reflexões e críticas sociais, poesias e política. Mas, todas as abordagens são fundamentadas em Cristo, o que, obviamente, não exclui o público cristão ou qualquer outro, pois Cristo é Soberano de toda a existência espiritual e material.

Portanto, oro a Deus, para que este simples livro seja um instrumento abençoado para conduzir almas ao Reino de Cristo, pois é um depoimento autêntico, sem aqueles sensacionalismos que visa *autopromoção*. Quero

finalizar com a passagem bíblica que me impactou na época, que está em 1Coríntios 1.18 , em diante: *“¹⁸Pois a mensagem da cruz é loucura... ²⁰Onde está o sábio? Onde está o erudito? Onde está o questionador desta era? Acaso Deus não tornou louca a sabedoria deste mundo? Visto que, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por meio da sabedoria humana... ²⁵Porque a loucura de Deus é mais sábia que a sabedoria humana... ²⁷Mas Deus escolheu o que para o mundo é loucura para envergonhar os sábios... ²⁸Ele escolheu o que para o mundo é insignificante, desprezado e o que nada é, para reduzir a nada o que é, afim de que ninguém se vanglorie diante Dele”.*

Prefácio

O salto para a fé.

Ainda tenho cicatrizes internas que latejam em meu ego e na medida em que a fé em mim se consolida, meu corpo e meu *eu* nunca poderão ser conciliados sem deixar marcas. A fé proporciona-me sustentação interior, me permitindo conviver com minhas cicatrizes enquanto confinado em mim.

A fé me fez transcender o caráter da mentira, que me fazia inautêntico de mim, porque não pertencia a mim próprio, pois, imperceptivelmente, meu eu brincava-se em outros *eus*, cobiçando, desejando, desfrutando. Imaginava ter uma identidade, mas tudo conduzia a um colapso da estrutura de meu caráter. Nosso ego, ao longo da vida, cria estratégias para manter-se com autoestima que se transforma em uma *armadura* que nos aprisiona, logo, a autoconfiança e o amor-próprio tornam-se em uma *armadilha* criada para nos tolher.

A fé nos faz transcender a nós mesmos e nos liberta desses *grilhões*, para assim nos desvelar *nus* ante a vida. Antes, como prisioneiros, nos sentíamos adaptados ao *cárcere* de nossas rotinas, em um mundinho limitado e protegido. Mas, o *despir* da fé, *expõe nossa nudez diante do que somos* e esfacela a prisão do caráter que fingíamos achar ser alguém, expondo nossa condição de criatura que *defeca*. A angústia é a percepção lúcida da verdade dessa condição.

Apesar de nossa *insignificância*, para Deus nossa existência tem *significado*. Sem o **salto para a fé**, ficamos

impotentes de nos desvencilhar da *armadura de nosso caráter*, que sempre persistirá em nos encapsular a condicionamentos *culturais, sociais e materiais*. A fé *religa* nosso *eu* interior secreto, ao mais íntimo e autêntico de nossos mais profundos sentimentos e anseios, *nos resgatando dos escombros deste mundo*.

Prefácio do livro: *A Inteligência Crucificada.*

Nesta segunda edição revisada e ampliada do livro *O Salto para a Fé*, tem o prefácio do livro *A Inteligência Crucificada*, pois este é como se fosse sequência daquele, portanto, ambos os livros se complementam.

Minha caminhada na “escola” do deserto.

Este livro foi escrito após quatro anos do meu outro livro, *O Salto para a Fé*, que simboliza o resgate que Cristo fez em meu ser, após uma longa vida de ateísmo praticante e militante.

Foi o salto do velho homem, do eu corrompido e escravizado, que por si mesmo jamais seria capaz de realizar tal feito, pois necessitaria de um impulso que nós, meros humanos, não somos capazes de causar.

Só o “empurrão” do Espírito Santo que nos lança para longe de nós mesmos, pois, o ato de saltar não requer pensamentos aliás, dispensa qualquer tentativa de análise, pois trata-se de uma atitude, uma ação determinada.

É como estar no último andar de um prédio em chamas, ou você salta dali, ou será queimado, não há o que pensar. Esta é a condição humana, estamos neste mundo em chamas, nos últimos tempos, o fogo do pecado está cauterizando almas, e não há o que pensar, não há outra atitude a não ser *saltar* deste mundo para a *Cruz* de Cristo, e deixar o velho homem lá pendurado, crucificado.

Do alto da cruz renasceu o novo eu, e *do salto para a cruz* morreu o velho eu. Ambos os atos, *saltar* e *crucificar*, dependeram da misericórdia, graça e do poder de Deus, pois eu mesmo não teria impulso para o salto, e muito menos forças para crucificar-me na Cruz.

Hoje, sou ateu de mim mesmo, já não tenho a mim como fundamento e autossuficiência. Meu “Egito” (que é a terra de escravidão dos pecados) ficou para trás, meus “faraós” (que são os manjares, deleites, cobiças materiais, ídolos, libidos e luxúrias) em mim não reinam mais, pois Cristo abriu o meu “mar vermelho” ensanguentado de pecado com o toque do madeiro de Sua Cruz - e transformou-me em Seu “tabernáculo espiritual” - fazendo do meu coração o Seu altar, sobre o qual derrama Seu sangue, que me justifica e me redime.

Deus tem me ensinado e me moldado no meu deserto que Ele mesmo condicionou, para que meu coração não fique orgulhoso e se esqueça de onde Ele me tirou. Deus tem me capacitado a lutar e a suportar este meu pavoroso deserto, que às vezes torna-se em terra seca com “serpentes” e “escorpiões” venenosos. Neste deserto, aprendi e ainda estou aprendendo as “aulas” da humildade, crucificando meu impávido ego, minha presunçosa vaidade, a altivez do meu orgulho e minhas arrogâncias. Eis o melhor e mais perfeito sistema educacional para o ser humano: *a escola do deserto de Deus*.

Neste deserto, é o próprio Deus quem nos ensina, corrige e educa. Ele é o Instrutor que ensina, mas também o Educador que corrige, não como um professor, mas como um pai que disciplina seu filho. Na *escola do deserto*, aprendemos a paternidade divina, Seu amor, Seus cuidados, Seus mandamentos e a obediência. Eis o melhor método

pedagógico que existe: aprender e obedecer às instruções dos mandamentos de Deus. Na “sala de aula” do deserto, o único caderno de anotação que Deus exige é o próprio coração, no qual devemos registrar e manter guardados os ensinamentos, para jamais serem esquecidos. A memória do coração não é igual a da mente, que é falha e se apaga, pois é capaz apenas de recordações registradas no cérebro, no entanto, a memória do coração é a gratidão, que não se apaga, pois é registrada na alma.

Apesar das dificuldades, secas e escassez que há neste deserto, Deus ali nos sustenta. Mesmo às vezes permitindo que passemos por necessidades, para que entendamos que nem só de pão vive o homem, mas de toda a Palavra que procede de Sua boca. Então, nas secas deste deserto, Ele nos sacia a sede tirando “água da rocha”, e na escassez de alimento e solidão, Ele manda seu *maná*, até por meio de “corvos”.

Deus nos humilha e põe à prova, para conhecer nossas intenções e nos moldar. Nesta *escola do deserto*, esta é monografia eterna, descrita em Deuteronômio 8.3: *“Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que procede da boca do Senhor... Obedeça aos mandamentos do Senhor, o seu Deus, andando em seus caminhos... Tenham cuidado de não se esquecerem do Senhor, o seu Deus... Não aconteça que... o seu coração fique orgulhoso e vocês se esqueçam do Senhor, o seu Deus, que os tirou do Egito, da terra da escravidão... Não digam, pois, em seu coração: A minha capacidade e a força das minhas mãos... Mas, lembre-se do Senhor, o seu Deus, pois é Ele que lhes dá a capacidade...”*

Depois daquele *salto*, estou aprendendo a *caminhar* no meu deserto, como um bebê, ora caindo, ora se arrastando, ora se apoiando, ora tropeçando, pois, é o novo

eu “recém-nascido” que, gradativamente, está sendo amadurecido e fortalecido pelo Espírito Santo e pela Sua Palavra. Este livro, *A Inteligência Crucificada*, representa um pouco do meu crescimento na fé, é uma espécie de *extrato histórico* desta minha caminhada, e o quanto este meu novo eu renascido está aprendendo a caminhar, neste pouco que já percorreu.

A vida intelectual.

Meu esforço hoje é fazer com que o desenvolvimento da vida intelectual esteja agregada e vinculada ao desenvolvimento espiritual, esse cuidado com a vida do espírito, pois sempre que nos maravilhamos com alguma ideia, argumento e conceito, somos inconscientemente impelidos a nos deslumbrarmos de forma excessiva com esses pensamentos racionais dos saberes humanos.

Somos afetados por uma sensação de entusiasmo e veneração intelectual tão fulgurosa, a tal ponto de destituir Deus e elevar a razão, numa substituição pretensiosamente narcisista, pois tal situação nos faz esquecer da imperfeição e insuficiência humana. Por mais que os saberes intelectuais possam ser profundos, densos, originais, intensos e lógicos, jamais podem explicar toda a dimensão da vida humana e existencial.

Por que não consegui *enterrar* Deus da minha vida?

Após muitos anos de ateísmo contundente e hostil, não consegui, como anuncia a pergunta supracitada, enterrar Deus da minha vida. Nunca consegui decretar sua morte oficialmente em um *epitáfio fúnebre*, registrado na “lápide” de minha razão.

Minha pretensão aqui é *despretensiosa*, pois meu intuito não é demonstrar que Deus existe e muito menos se trata de um testemunho de fé, pelo qual discorreria depoimentos relatando a transformação que Deus fez em minha vida, como quando se está com a vida perdida, sofrida, no fundo do poço, transtornada nos vícios e enfermidades.

Quero expor aqui o quanto *obsoleta, insuficiente, imperfeita, prepotente e egocêntrica* é a vida apoiada apenas nas demandas humanas. O ateu se apoia em tudo o que é absolutamente humano, *lógico, compreensível, empírico, factível, estatístico, explicável e palpável*. Todas as suas competências e percepções intelectivas permeiam por tais meios, que, por seus intermédios, acreditam estar no caminho certo, real e verdadeiro.

Assim eu o era, um ateu que, enchafurdado nos demasiados conhecimentos, especificamente os filosóficos, acreditava em minha pueril concepção de que detinha os saberes que me proporcionavam esclarecimentos privilegiados do que é verdadeiro nesta existência. Assim, como muitos ateus, qualificava-me intelectualmente superior, pois acreditar em Deus, para dizer no popular, é coisa de *gente burra, alienada, ignorante, acomodada*,